



## VESTIBULAR 2017

### 001. PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E REDAÇÃO

- Confira seus dados impressos neste caderno.
- Assine com caneta de tinta azul ou preta a Folha de Respostas apenas no local indicado.
- Esta prova contém 45 questões objetivas e uma proposta de redação.
- Para cada questão, o candidato deverá assinalar apenas uma alternativa na Folha de Respostas, utilizando caneta de tinta azul ou preta.
- Esta prova terá duração total de 4h e o candidato somente poderá sair do prédio depois de transcorridas 3h30, contadas a partir do início da prova.
- Ao final da prova, antes de sair da sala, entregue ao fiscal a Folha de Respostas, a Folha de Redação e o Caderno de Questões.

Nome do candidato \_\_\_\_\_

RG \_\_\_\_\_

Inscrição \_\_\_\_\_

Prédio \_\_\_\_\_

Sala \_\_\_\_\_

Carteira \_\_\_\_\_

## QUESTÃO 01

Examine a tira do cartunista argentino Quino (1932- ).

"VICTOR VÊ A UVA DA VINHA.  
- ESTA UVA É BOA, SR. BRÁULIO."

"SIM, VICTOR, ESTA UVA É BOA.  
- SR. BRÁULIO, VEJA OS BARRIS  
DE BOM VINHO!"

ACHO QUE DEVERIAM CONSTRUIR  
UM MONUMENTO A ESSES AUTORES  
SACRIFICADOS QUE EM VEZ DE  
ESCREVEREM COISAS INTELIGENTES  
PREFEREM NOS ENSNINAR A LER.



(Quino. *A pequena filosofia da Mafalda*, 2015.)

As frases citadas pela personagem Mafalda no início de sua fala foram extraídas de

- (A) um anúncio publicitário.
- (B) um livro sobre culinária.
- (C) uma peça de teatro.
- (D) uma cartilha escolar.
- (E) um guia turístico.

Leia o trecho inicial de *Raízes do Brasil*, do historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), para responder às questões de **02** a **07**.

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.

Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e ideias de que somos herdeiros.

É significativa, em primeiro lugar, a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica. A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos. Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo

que, não obstante, mantêm como um patrimônio necessário.

Foi a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos que os dois países entraram mais decididamente no coro europeu. Esse ingresso tardio deveria repercutir intensamente em seus destinos, determinando muitos aspectos peculiares de sua história e de sua formação espiritual. Surgiu, assim, um tipo de sociedade que se desenvolveria, em alguns sentidos, quase à margem das congêneres europeias, e sem delas receber qualquer incitamento que já não trouxesse em germe.

Quais os fundamentos em que assentam de preferência as formas de vida social nessa região indecisa entre a Europa e a África, que se estende dos Pireneus a Gibraltar? Como explicar muitas daquelas formas, sem recorrer a indicações mais ou menos vagas e que jamais nos conduziriam a uma estrita objetividade?

Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pireneus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica, uma característica que ela está longe de partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus vizinhos do continente. É que nenhum desses vizinhos soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais. Pode dizer-se, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço, devem os espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional. [...]

É dela que resulta largamente a singular tibieza das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos. Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida.

(*Raízes do Brasil*, 2000.)

## QUESTÃO 02

No primeiro parágrafo, o autor recorre a uma construção paradoxal em:

- (A) "condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar".
- (B) "somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra".
- (C) "timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil".
- (D) "enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos".
- (E) "o fato dominante e mais rico em consequências".

### ■ ■ QUESTÃO 03

Em “Podemos [...] elevar à perfeição o tipo de civilização **que** representamos” (1º parágrafo), o termo em destaque exerce a mesma função sintática do trecho destacado em:

- (A) “[...] **todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça** parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.” (1º parágrafo)
- (B) “**Esse ingresso tardio** deveria repercutir intensamente em seus destinos [...].” (4º parágrafo)
- (C) “[...] somos ainda hoje **uns desterrados em nossa terra**.” (1º parágrafo)
- (D) “É significativa, em primeiro lugar, **a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica**.” (3º parágrafo)
- (E) “Assim, antes de perguntar **até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa** [...].” (2º parágrafo)

### ■ ■ QUESTÃO 04

Em “A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa **se** comunica com os outros mundos.” (3º parágrafo), o pronome destacado refere-se a

- (A) “Europa”.
- (B) “Rússia e os países balcânicos”.
- (C) “Espanha e Portugal”.
- (D) “territórios-ponte”.
- (E) “mundos”.

### ■ ■ QUESTÃO 05

Em “Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, **não obstante**, mantém como um patrimônio necessário.” (3º parágrafo), a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por

- (A) contudo.
- (B) além disso.
- (C) assim sendo.
- (D) portanto.
- (E) ainda bem.

### ■ ■ QUESTÃO 06

O *Dicionário Houaiss de língua portuguesa* define “elipse” como “supressão, num enunciado, de um termo que pode ser facilmente subentendido pelo contexto linguístico”. Verifica-se a ocorrência desse recurso em:

- (A) “A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos” (3º parágrafo)
- (B) “Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável” (7º parágrafo)
- (C) “Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pireneus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica” (6º parágrafo)
- (D) “Foi a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos que os dois países entraram mais decididamente no coro europeu” (4º parágrafo)
- (E) “o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem” (1º parágrafo)

### ■ ■ QUESTÃO 07

Em “É dela que resulta largamente a singular **tibieza** das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos.” (7º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido do texto, por

- (A) constância.
- (B) firmeza.
- (C) estranheza.
- (D) combinação.
- (E) fraqueza.

Leia o soneto “A uma dama dormindo junto a uma fonte”, do poeta barroco Gregório de Matos (1636-1696), para responder às questões de 08 a 11.

À margem de uma fonte, que corria,  
Lira doce dos pássaros cantores  
A bela ocasião das minhas dores  
Dormindo estava ao despertar do dia.

Mas como dorme Sílvia, não vestia  
O céu seus horizontes de mil cores;  
Dominava o silêncio entre as flores,  
Calava o mar, e rio não se ouvia.

Não dão o parabém à nova Aurora  
Flores canoras, pássaros fragrantos,  
Nem seu âmbar respira a rica Flora.

Porém abrindo Sílvia os dois diamantes,  
Tudo a Sílvia festeja, tudo adora  
Aves cheirosas, flores ressonantes.

(*Poemas escolhidos*, 2010.)

#### QUESTÃO 08

Mais recorrente na poesia arcádica, verifica-se neste soneto barroco o recurso, sobretudo, ao seguinte lema latino:

- (A) “locus horrendus” (“lugar horrível”).
- (B) “locus amoenus” (“lugar aprazível”).
- (C) “memento mori” (“lembra-te da morte”).
- (D) “inutilia trunquat” (“corta o inútil”).
- (E) “carpe diem” (“proveite o dia”).

#### QUESTÃO 09

No soneto, a seguinte expressão é empregada pelo eu lírico em lugar de sua musa Sílvia:

- (A) “Flores canoras, pássaros fragrantos”.
- (B) “À margem de uma fonte, que corria”.
- (C) “O céu seus horizontes de mil cores”.
- (D) “A bela ocasião das minhas dores”.
- (E) “Aves cheirosas, flores ressonantes”.

#### QUESTÃO 10

A sinestesia consiste em transferir percepções de um sentido para as de outro, resultando um cruzamento de sensações.

(Celso Cunha. *Gramática essencial*, 2013.)

Verifica-se a ocorrência desse recurso no seguinte verso:

- (A) “Flores canoras, pássaros fragrantos,” (3ª estrofe)
- (B) “À margem de uma fonte, que corria,” (1ª estrofe)
- (C) “Porém abrindo Sílvia os dois diamantes,” (4ª estrofe)
- (D) “Dominava o silêncio entre as flores,” (2ª estrofe)
- (E) “O céu seus horizontes de mil cores,” (2ª estrofe)

#### QUESTÃO 11

Assinale a alternativa em que o trecho do soneto está reescrito em ordem direta, sem alteração do seu sentido original.

- (A) “Não dão o parabém à nova Aurora / Flores canoras, pássaros fragrantos” → A nova Aurora não dá o parabém às flores canoras e aos pássaros fragrantos.
- (B) “Calava o mar, e rio não se ouvia” → O mar se calava e não ouvia o rio.
- (C) “não vestia / O céu seus horizontes de mil cores” → O céu não vestia seus horizontes de mil cores.
- (D) “Tudo a Sílvia festeja, tudo adora” → A Sílvia festeja tudo, adora tudo.
- (E) “A bela ocasião das minhas dores / Dormindo estava ao despertar do dia” → Ao despertar do dia, estava dormindo a bela ocasião de minhas dores.

#### QUESTÃO 12

Predomina neste movimento uma tônica mais cosmopolita, intimamente ligada às modas literárias da Europa, desejando pertencer ao mesmo passado cultural e seguir os mesmos modelos, o que permitiu incorporar os produtos intelectuais da colônia inculta ao universo das formas superiores de expressão. Ao lado disso, tal movimento continuou os esboços particularistas que vinham do passado local, dando importância relevante tanto ao índio e ao contato de culturas, quanto à descrição da natureza, mesmo que fosse em termos clássicos.

(Antonio Candido. *Iniciação à literatura brasileira*, 2010. Adaptado.)

Tal comentário refere-se ao seguinte movimento literário brasileiro:

- (A) Romantismo.
- (B) Classicismo.
- (C) Naturalismo.
- (D) Barroco.
- (E) Arcadismo.

Leia a fábula “A raposa e o lenhador”, do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.), para responder às questões de 13 a 15.

Enquanto fugia de caçadores, uma raposa viu um lenhador e lhe pediu que a escondesse. Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana e se ocultasse lá dentro. Não muito tempo depois, vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa passar por ali. Em voz alta ele negou tê-la visto, mas com a mão fez gestos indicando onde ela estava escondida. Entretanto, como eles não prestaram atenção nos seus gestos, deram crédito às suas palavras. Ao constatar que eles já estavam longe, a raposa saiu em silêncio e foi indo embora. E o lenhador se pôs a repreendê-la, pois ela, salva por ele, não lhe dera nem uma palavra de gratidão. A raposa respondeu: “Mas eu seria grata, se os gestos de sua mão fossem condizentes com suas palavras.”

(*Fábulas completas*, 2013.)

### ■ ■ QUESTÃO 13

A moral mais apropriada para fechar a fábula seria:

- (A) Esta fábula pode ser dita a propósito de homens desventurados que, quando estão em situações embaraçosas, rezam para encontrar uma saída, mas assim que encontram procuram evitá-las.
- (B) Desta fábula pode servir-se uma pessoa a propósito daqueles homens que nitidamente proclamam ações nobres, mas na prática realizam atos vis.
- (C) Esta fábula mostra que os homens desatentos prestam atenção nas coisas de que esperam tirar proveito, mas permanecem apáticos em relação àquelas que não lhes agradam.
- (D) Assim, alguns homens se entregam a tarefas arriscadas, na esperança de obter ganhos, mas se arruinam antes mesmo de chegar perto do que almejam.
- (E) Desta fábula pode servir-se uma pessoa a propósito de um homem frouxo que reclama de ínfimas desgraças, enquanto ela própria suporta, sem dificuldade, desgraças enormes.

### ■ ■ QUESTÃO 14

“Entretanto, **como eles não prestaram atenção nos seus gestos**, deram crédito às suas palavras.”

Em relação à oração que a sucede, a oração destacada tem sentido de

- (A) causa.
- (B) conclusão.
- (C) proporção.
- (D) consequência.
- (E) comparação.

### ■ ■ QUESTÃO 15

Os trechos “Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana” e “vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa” foram construídos em discurso indireto. Ao se transpor tais trechos para o discurso direto, o verbo “entrasse” e a locução verbal “tinha visto” assumem, respectivamente, as seguintes formas:

- (A) “entrai” e “vira”.
- (B) “entrou” e “viu”.
- (C) “entre” e “vira”.
- (D) “entre” e “viu”.
- (E) “entrai” e “viu”.

### ■ ■ QUESTÃO 16

Caracterizou-o sempre um sincero amor pelas coisas de sua terra, pela sua gente, e se existe obra que possa ser chamada de brasileira, é a dele. Se seus assuntos eram o homem e a terra do Brasil, apanhados no Norte, no Sul, no Centro, a forma por que os explorava era também brasileira, pela sintaxe que empregava e pelos modismos que introduzia. O Brasil do campo e o das cidades está presente em sua obra, assim como o homem da sociedade, o homem da rua e o trabalhador rural. Abarcou os aspectos mais variados da nossa sensibilidade e da nossa formação, constituindo sua obra um painel a que nada falta, inclusive o índio, que nela tem participação considerável.

(José Paulo Paes e Massaud Moisés (orgs).

*Pequeno dicionário de literatura brasileira*, 1980. Adaptado.)

Tal comentário refere-se ao escritor

- (A) Machado de Assis.
- (B) Manuel Antônio de Almeida.
- (C) José de Alencar.
- (D) Aluísio Azevedo.
- (E) Guimarães Rosa.

Leia o trecho do conto “A igreja do Diabo”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder às questões de 17 a 21.

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cogula<sup>1</sup> beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

– Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro<sup>2</sup>, fazei dele um troféu e um lábar<sup>3</sup>, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada<sup>4</sup>. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: “Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu”... [...] Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade<sup>5</sup>. Um casuísta<sup>6</sup> do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os

cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(Contos: uma antologia, 1998.)

<sup>1</sup> cogula: espécie de túnica larga, sem mangas, usada por certos religiosos.

<sup>2</sup> desdouro: descrédito, desonra.

<sup>3</sup> lábaro: estandarte, bandeira.

<sup>4</sup> esgalgado: comprido e estreito.

<sup>5</sup> venalidade: condição ou qualidade do que pode ser vendido.

<sup>6</sup> casuísta: pessoa que pratica o casuísmo (argumento fundamentado em raciocínio enganador ou falso).

## ■ ■ QUESTÃO 17

“Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos.” (1º parágrafo)

Tal promessa do Diabo constitui, sobretudo, uma inversão da seguinte máxima cristã:

- (A) “Amai-vos uns aos outros.”
- (B) “Aquele que não tiver pecado, atire a primeira pedra.”
- (C) “Não façais da casa do meu Pai casa de comércio.”
- (D) “Meu reino não é deste mundo.”
- (E) “Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra face.”

## ■ ■ QUESTÃO 18

Estão empregados em sentido figurado os termos destacados nos seguintes trechos:

- (A) “a que podia ser na **boca** de um espírito de negação” (3º parágrafo) e “sem o **furor** de Aquiles, não haveria a *Ilíada*” (4º parágrafo).
- (B) “incutia-lhes, a grandes **golpes** de eloquência” (5º parágrafo) e “a **definição** que ele dava da fraude” (6º parágrafo).
- (C) “retificar a **noção** que os homens tinham dele” (1º parágrafo) e “congregar, em suma, as multidões ao **pé** de si” (3º parágrafo).
- (D) “Sou o vosso verdadeiro **pai**.” (2º parágrafo) e “as **virtudes** aceitas deviam ser substituídas por outras” (4º parágrafo).
- (E) “uma voz que reboava nas **entranhas** do século” (1º parágrafo) e “a que se deu aquele nome para arredá-lo do **coração** dos homens” (2º parágrafo).

### ■ ■ QUESTÃO 19

No último parágrafo, o principal recurso retórico mobilizado pelo Diabo em sua argumentação a respeito da venalidade é

- (A) a repetição.
- (B) a interrogação.
- (C) a citação.
- (D) a hesitação.
- (E) a periodização.

### ■ ■ QUESTÃO 20

As palavras do texto cujos prefixos traduzem, respectivamente, ideia de repetição e ideia de negação são

- (A) “reabilitadas” (4º parágrafo) e “infinitas” (4º parágrafo).
- (B) “desmentir” (1º parágrafo) e “indiferentes” (3º parágrafo).
- (C) “deslavada” (3º parágrafo) e “preconceito” (6º parágrafo).
- (D) “extraordinária” (1º parágrafo) e “desdouro” (2º parágrafo).
- (E) “reboava” (1º parágrafo) e “perversas” (5º parágrafo).

### ■ ■ QUESTÃO 21

“Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.” (4º parágrafo)

Os termos em destaque constituem, respectivamente,

- (A) um pronome e um artigo.
- (B) uma conjunção e um artigo.
- (C) um artigo e uma preposição.
- (D) um pronome e uma preposição.
- (E) um artigo e uma conjunção.

Leia o excerto do livro *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono* de Jonathan Crary para responder às questões de **22 a 24**.

No fim dos anos 1990, um consórcio espacial russo-europeu anunciou que construiria e lançaria satélites que refletiriam a luz do Sol para a Terra. O esquema previa colocar em órbita uma cadeia de satélites, sincronizados com o Sol, a uma altitude de 1700 quilômetros, cada um deles equipado com refletores parabólicos retráteis, da espessura de uma folha de papel. Quando completamente abertos, cada satélite-espelho, com duzentos metros de diâmetro, teria a capacidade de iluminar uma área da Terra de 25 quilômetros quadrados, com uma luminosidade quase cem vezes maior do que a da Lua. Em princípio, o projeto visava fornecer iluminação para a exploração industrial de recursos naturais em regiões remotas com longas noites polares, na Sibéria e no leste da Rússia, permitindo atividade ao ar livre, noite e dia. Mas o consórcio acabou expandindo seus planos para a possibilidade de oferecer iluminação noturna a regiões metropolitanas inteiras. Calculando que se reduziriam os custos de energia da iluminação elétrica, o slogan da empresa era “Luz do dia a noite toda”.

A oposição ao projeto surgiu de imediato e de diversas frentes. Astrônomos temeram os efeitos nefastos da observação espacial a partir da Terra. Cientistas e ambientalistas apontaram consequências fisiológicas prejudiciais tanto aos animais quanto aos humanos, uma vez que a ausência de alternância regular entre dia e noite interromperia vários padrões metabólicos, inclusive o sono. Associações culturais e humanitárias também protestaram, alegando que o céu noturno é um bem comum ao qual toda a humanidade tem direito, e que desfrutar da escuridão da noite e observar as estrelas é um direito humano básico que nenhuma empresa pode eliminar. De qualquer modo, direito ou privilégio, ele já está sendo violado para mais da metade da população do planeta, em cidades que estão permanentemente envoltas na penumbra da poluição e na intensa iluminação.

Defensores do projeto, todavia, afirmaram que tal tecnologia diminuiria o uso noturno de eletricidade e que a perda da noite e de sua escuridão seria um preço razoável, considerando-se a redução do consumo global de energia. Seja como for, esse empreendimento, ao fim inviável, ilustra o imaginário contemporâneo, para o qual um estado de iluminação contínua é inseparável da ininterrupta operação de troca e circulação globais. Em seus excessos empresariais, o projeto é uma expressão hiperbólica de uma intolerância institucional a tudo que obscureça ou impeça uma situação de visibilidade instrumentalizada e constante.

(*24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*, 2014. Adaptado.)

### ■ ■ QUESTÃO 22

Em relação ao projeto, a postura do autor é de

- (A) indiferença.
- (B) imparcialidade.
- (C) neutralidade.
- (D) apoio.
- (E) oposição.

### ■ ■ QUESTÃO 23

Considerando as pretensões do projeto, o slogan do consórcio “Luz do dia a noite toda” mostra-se

- (A) absurdo.
- (B) contraditório.
- (C) ambíguo.
- (D) apropriado.
- (E) irônico.

### ■ ■ QUESTÃO 24

Leia a seguinte sinopse do livro *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*:

O livro faz um panorama vertiginoso de um mundo cuja lógica não se prende mais a limites de tempo e espaço, funcionando ininterruptamente sob uma lógica para a qual o próprio ser humano é um empecilho. Para o autor, nossa necessidade de repouso e sono é a última fronteira ainda não ultrapassada pela lógica da mercadoria. O capitalismo, no entanto, já se movimenta no sentido de colonizar mais essa esfera da vida e hoje financia extensamente pesquisas científicas que buscam a fórmula para criar o “homem sem sono”, capaz de trabalhar e consumir sob a lógica 24/7. Ainda assim, o livro recupera toda uma tradição da cultura ocidental que sempre viu no sono e no sonho possibilidades utópicas. *24/7* é um dos diagnósticos mais agudos do mundo contemporâneo.

Com base na leitura do excerto e da sinopse acima, é correto concluir que os números “24/7”, que integram o título do livro, indicam

- (A) valor monetário.
- (B) tempo cronológico.
- (C) marco histórico.
- (D) delimitação espacial.
- (E) código secreto.

### ■ ■ QUESTÃO 25

Leia um trecho do “Manifesto do Futurismo” publicado por Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944) no ano de 1909.

Nós cantaremos as grandes multidões movimentadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela revolta; as marés multicoloridas e polifônicas das revoluções nas capitais modernas; a vibração noturna dos arsenais e dos estaleiros sob suas luas elétricas; as estações glutonas comedoras de serpentes que fumam; as usinas suspensas nas nuvens pelos barbantes de suas fumaças; os navios aventureiros farejando o horizonte; as locomotivas de grande peito, que escoucinnham os trilhos, como enormes cavalos de aço freados por longos tubos, e o voo deslizante dos aeroplanos, cuja hélice tem os estalos da bandeira e os aplausos da multidão entusiasta.

(Apud Gilberto Mendonça Teles. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*, 1992. Adaptado.)

Em consonância com este preceito do Futurismo estão os seguintes versos, extraídos da produção poética de Fernando Pessoa (1888-1935):

(A) Nas cidades a vida é mais pequena  
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.  
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,  
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para  
[longe de todo o céu,  
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos  
[olhos nos podem dar,  
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

(B) Ontem à tarde um homem das cidades  
Falava à porta da estalagem.  
Falava comigo também.  
Falava da justiça e da luta para haver justiça  
E dos operários que sofrem,  
E do trabalho constante, e dos que têm fome,  
E dos ricos, que só têm costas para isso.  
E, olhando para mim, viu-me lágrimas nos olhos  
E sorriu com agrado, julgando que eu sentia  
O ódio que ele sentia, e a compaixão  
Que ele dizia que sentia.

(C) Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,  
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,  
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro  
Ouvindo correr o rio e vendo-o.  
Colhemos flores, pega tu nelas e deixa-as  
No colo, e que o seu perfume suavize o momento –  
Este momento em que sossegadamente não cremos em  
[nada,  
Pagãos inocentes da decadência.

(D) Levando a bordo El-Rei dom Sebastião,  
E erguendo, como um nome, alto o pendão  
Do Império,  
Foi-se a última nau, ao sol aziago  
Erma, e entre choros de ânsia e de pressago  
Mistério.  
Não voltou mais. A que ilha indescoberta  
Aportou? Voltará da sorte incerta  
Que teve?

(E) Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.  
Amo-vos carnivoramente,  
Pervertidamente e enroscando a minha vista  
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,  
Ó coisas todas modernas,  
Ó minhas contemporâneas, forma atual e próxima  
Do sistema imediato do Universo!  
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

## ■ ■ QUESTÃO 26

Nesta obra, o autor optou por uma situação narrativa que se define pelo movimento de aproximação e distanciamento da substância sensível da realidade retratada, como forma de solidarizar-se com seus personagens e, ao mesmo tempo, sustentar uma posição crítica rigorosa ante a “desgraça irremediável que os açoita”. Relativiza, assim, a onisciência da terceira pessoa e reconstitui, pela via literária, o hiato entre seu saber de intelectual e a indigência dos retirantes – alteridade que buscou compreender pelo exercício artístico da palavra enxuta e medida. Com a cautela de quem não se permite explicitar significados ou avançar conclusões, o narrador condiciona a narração à expectativa dos personagens, através do uso intensivo do discurso indireto livre, que dá forma à sondagem interior pretendida e singulariza os destinos representados.

(Wander Melo Miranda. “Texto introdutório”. In: Silviano Santiago (org). *Intérpretes do Brasil*, vol 2, 2000. Adaptado.)

Tal comentário aplica-se à obra

- (A) *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto.
- (B) *Os sertões*, de Euclides da Cunha.
- (C) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- (D) *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.
- (E) *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

Para responder às questões de **27 a 29**, leia o poema “Dissolução”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), que integra o livro *Claro enigma*, publicado originalmente em 1951.

Escurece, e não me seduz  
tatear sequer uma lâmpada.  
Pois que aprouve<sup>1</sup> ao dia findar,  
aceito a noite.

E com ela aceito que brote  
uma ordem outra de seres  
e coisas não figuradas.  
Braços cruzados.

Vazio de quanto amávamos,  
mais vasto é o céu. Povoações  
surgem do vácuo.  
Habito alguma?

E nem destaque minha pele  
da confluyente escuridão.  
Um fim unânime concentra-se  
e pousa no ar. Hesitando.

E aquele agressivo espírito  
que o dia carrega<sup>2</sup> consigo,  
já não oprime. Assim a paz,  
destroçada.

Vai durar mil anos, ou  
extinguir-se na cor do galo?  
Esta rosa é definitiva,  
ainda que pobre.

Imaginação, falsa demente,  
já te desprezo. E tu, palavra.  
No mundo, perene trânsito,  
calamo-nos.  
E sem alma, corpo, és suave.

(*Claro enigma*, 2012.)

<sup>1</sup> aprazer: causar ou sentir prazer; contentar(-se).

<sup>2</sup> carrear: carregar.

## ■ ■ QUESTÃO 27

Constituem termos que reforçam o tom pessimista do poema:

- (A) “noite”, “vazio” e “fim”.
- (B) “dia”, “pele” e “cor”.
- (C) “coisas”, “vácuo” e “imaginação”.
- (D) “lâmpada”, “céu” e “escuridão”.
- (E) “ordem”, “povoações” e “espírito”.

## ■ ■ QUESTÃO 28

Personificação: recurso expressivo que consiste em atribuir propriedades humanas a uma coisa, a um ser inanimado ou abstrato.

(*Dicionário Porto Editora da Língua Portuguesa*.  
www.infopedia.pt. Adaptado.)

Verifica-se a ocorrência desse recurso no seguinte verso:

- (A) “Vazio de quanto amávamos,” (3ª estrofe)
- (B) “E nem destaque minha pele” (4ª estrofe)
- (C) “Esta rosa é definitiva,” (6ª estrofe)
- (D) “Pois que aprouve ao dia findar,” (1ª estrofe)
- (E) “No mundo, perene trânsito,” (7ª estrofe)

## ■ ■ QUESTÃO 29

O pronome “te”, empregado no segundo verso da última estrofe, refere-se a

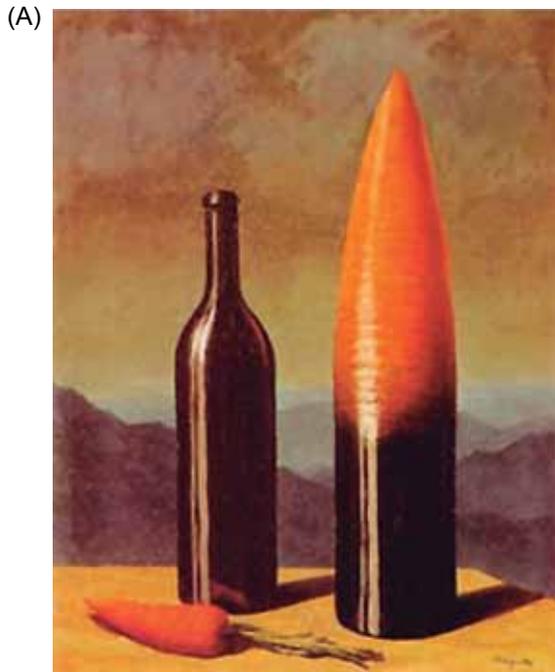
- (A) “imaginação”.
- (B) “palavra”.
- (C) “rosa”.
- (D) “mundo”.
- (E) “corpo”.

**QUESTÃO 30**

Nesta obra, o observador é atraído por uma ideia poética: a de um objeto que assume a substância do material em que se sente à vontade.

(Marcel Paquet. *René Magritte: o pensamento tornado visível*, 2000. Adaptado.)

Tal comentário aplica-se à seguinte obra do pintor belga René Magritte (1898-1967):



(A explicação, 1954.)



(As férias de Hegel, 1958.)



(Decalcomania, 1966.)



(O sedutor, 1953.)



(A cascata, 1961.)

Leia o texto para responder às questões de 31 a 35.



In developing countries there are high levels of what is known as “food loss”, which is unintentional wastage, often due to poor equipment, transportation and infrastructure. In wealthy countries, there are low levels of unintentional losses but high levels of “food waste”, which involves food being thrown away by consumers because they have purchased too much, or by retailers who reject food because of exacting aesthetic standards.

(www.theguardian.com)

### QUESTÃO 31

Segundo o texto,

- (A) a perda de alimentos acontece tanto em países ricos como pobres, devido à mudança climática.
- (B) os alimentos são jogados fora pelos consumidores e pelos pontos de venda por falta de refrigeração.
- (C) a perda não intencional de alimentos acontece em níveis alarmantes em países ricos.
- (D) o desperdício de alimentos durante seu transporte ocorre principalmente em países ricos.
- (E) os meios de transporte e a infraestrutura deficientes contribuem para a perda não intencional de alimentos.

### QUESTÃO 32

The text

- (A) presents some solutions to both “food loss” and “food waste”.
- (B) blames developing countries for most of “food waste”.
- (C) contrasts concepts of “food loss” and “food waste”.
- (D) infers that consumers should change their attitude towards “food loss”.
- (E) indicates that governments are responsible for consumer behaviour.

### QUESTÃO 33

No trecho “**which** involves food being thrown away by consumers”, o termo em destaque se refere a

- (A) food.
- (B) wealthy countries.
- (C) food loss.
- (D) consumers.
- (E) food waste.

### QUESTÃO 34

No trecho “who reject food **because of** exacting aesthetic standards”, os termos em destaque podem ser substituídos, sem alteração de sentido, por

- (A) in order to.
- (B) due to.
- (C) so that.
- (D) in spite of.
- (E) such as.

Observe o quadrinho para responder às questões de 35 a 37.



(https://br.pinterest.com)

### QUESTÃO 35

The corncob on the left

- (A) wishes to be like the corncob on the right.
- (B) thinks it is in a better state than the corncob on the right.
- (C) wants to go back to the fridge.
- (D) represents “food waste”, according to the concept presented in the previous text.
- (E) illustrates the concept of “food loss”, according to the previous text.

### ■ ■ QUESTÃO 36

Na fala da espiga de milho à esquerda “I **couldn't** reach the fridge...”, o termo em destaque pode ser substituído, sem alteração de sentido, por

- (A) cannot.
- (B) won't.
- (C) was unable to.
- (D) shouldn't.
- (E) might not.

### ■ ■ QUESTÃO 37

Na fala da espiga de milho à direita “I spent too much time in **there**, instead!”, o termo em destaque se refere

- (A) à pilha de alimentos descartados.
- (B) aos alimentos desperdiçados pelos consumidores.
- (C) ao refrigerador.
- (D) à lata de lixo.
- (E) ao mercado que vende espigas de milho.

Leia o texto para responder às questões de **38 a 45**.

Reducing food waste would mitigate  
climate change, study shows

April 7, 2016



Photograph: Alistair Scott/Alamy

Reducing food waste around the world would help curb emissions of planet-warming gases, lessening some of the impacts of climate change such as more extreme weather and rising seas, scientists said on Thursday.

Up to 14% of emissions from agriculture in 2050 could be avoided by managing food use and distribution better, according to a new study from the Potsdam Institute for Climate Impact Research (PIK). “Agriculture is a major driver of climate change, accounting for more than 20% of overall global greenhouse gas emissions in 2010,” said co-author Prajal Pradhan. “Avoiding food loss and waste would therefore avoid unnecessary greenhouse gas emissions and help mitigate climate change.”

Between 30 and 40% of food produced around the world is never eaten, because it is spoiled after harvest and during transportation, or thrown away by shops and consumers. The share of food wasted is expected to increase drastically if

emerging economies like China and India adopt western food habits, including a shift to eating more meat, the researchers warned. Richer countries tend to consume more food than is healthy or simply waste it, they noted.

As poorer countries develop and the world's population grows, emissions associated with food waste could soar from 0.5 gigatonnes (GT) of carbon dioxide equivalent per year to between 1.9 and 2.5 GT annually by mid-century, showed the study published in the Environmental Science & Technology journal. It is widely argued that cutting food waste and distributing the world's surplus food where it is needed could help tackle hunger in places that do not have enough - especially given that land to expand farming is limited.

But Jürgen Kropp, another of the study's co-authors and PIK's head of climate change and development, told the Thomson Reuters Foundation the potential for food waste curbs to reduce emissions should be given more attention. “It is not a strategy of governments at the moment,” he said.

(www.theguardian.com. Adaptado.)

### ■ ■ QUESTÃO 38

The text

- (A) presents the findings of a study that analysed agriculture in China and India.
- (B) states that the more agriculture spreads, the less greenhouse gas will be emitted.
- (C) says that extreme weather can lead to crop losses and hunger.
- (D) proposes that agriculture should be expanded in order to preserve the environment.
- (E) establishes a relationship between food waste and climate change.

### ■ ■ QUESTÃO 39

No trecho do segundo parágrafo “Agriculture is a **major driver** of climate change”, os termos em destaque têm sentido equivalente, em português, a

- (A) o maior operador.
- (B) um componente final.
- (C) o primeiro estímulo.
- (D) um propulsor importante.
- (E) um limitador substancial.

#### ■ ■ QUESTÃO 40

---

De acordo com o terceiro parágrafo, a parcela de alimentos desperdiçados deverá aumentar no futuro se

- (A) a China e a Índia adotarem hábitos alimentares ocidentais.
- (B) as pessoas de países ricos consumirem ainda mais comida industrializada.
- (C) os consumidores não levarem em conta opções de alimentos saudáveis.
- (D) de 30 a 40% desses alimentos não forem consumidos.
- (E) as pessoas deixarem de comer carne.

#### ■ ■ QUESTÃO 41

---

No trecho inicial do quarto parágrafo “**As** poorer countries develop and the world’s population grows”, o termo em destaque tem sentido equivalente, em português, a

- (A) aliás.
- (B) devido ao fato de.
- (C) mesmo que.
- (D) à medida que.
- (E) durante.

#### ■ ■ QUESTÃO 42

---

According to the information presented in the fourth paragraph, there is an indication to

- (A) expand agriculture to tackle hunger.
- (B) revert industrial and agricultural development.
- (C) decrease food waste and redistribute food where necessary.
- (D) limit population growth.
- (E) control carbon dioxide emissions from all sources.

#### ■ ■ QUESTÃO 43

---

O trecho final do quarto parágrafo “given that land to expand farming is limited” tem o mesmo sentido de

- (A) since there is no land to be given for farming.
- (B) because there is a land limitation to expand farming.
- (C) if farming land will be given to some people.
- (D) when land is given to certain people to expand farming.
- (E) while farming expansion restraint lasts.

#### ■ ■ QUESTÃO 44

---

In the last paragraph, according to Jürgen Kropp,

- (A) emission reduction should have a separate program.
- (B) governments should give more attention to food waste to reduce emissions.
- (C) climate change has a great impact on development.
- (D) some inadequate strategies could reduce development instead of climate change.
- (E) governments are worried about food waste.

#### ■ ■ QUESTÃO 45

---

No trecho do quinto parágrafo “the potential for food waste curbs **to** reduce emissions”, o termo em destaque indica

- (A) finalidade.
- (B) exclusão.
- (C) concordância.
- (D) acréscimo.
- (E) contraste.

## REDAÇÃO

### TEXTO 1

Na história, o voto nulo já foi uma bandeira ideológica. Era uma ideia básica dos anarquistas, um dos movimentos utópicos que nasceram no século XIX e fizeram sucesso no começo do século XX. Para eles, votar nulo era uma condição para manter a própria liberdade, se recusando a entregá-la na mão de um líder. “Não mais partidos, não mais autoridade, liberdade absoluta do homem e do cidadão”, pregava o filósofo francês Pierre-Josef Proudhon. O sonho dos anarquistas era uma sociedade organizada pelas próprias pessoas, sem funcionários, sem autoridades e sem líderes.

Hoje, esse discurso utópico parece estar empoeirado. Mas há quem se pergunte se um pouco da utopia da década de 1930 não serviria como uma opção coerente diante de tantos problemas da democracia. A favor ou contra o voto nulo, todos concordam que o atual sistema político do Brasil tem problemas muito mais profundos que a escolha de um ou outro candidato. Segundo o IBGE, mais de 30% dos brasileiros não sabem quem é o governador de seu estado. Dois em cada 10 brasileiros não conseguem dizer quem é o presidente da República, e só 18% praticaram alguma ação política, como fazer uma reclamação ou preencher um abaixo-assinado.

Para Edson Passetti, pesquisador do Departamento de Política da PUC-SP, votar nulo não serve para eliminar corruptos da política, mas pode funcionar como uma crítica generalizada: “Optar pelo voto nulo é saudável como protesto contra todo um sistema.” Já para Marco Aurélio Mello, presidente do TSE, o voto nulo não seria um ato responsável: “Dar uma de avestruz, enfiando a cabeça na areia e deixar o vendaval passar, é a melhor forma de comprometer negativamente o futuro do país.”

(Liliana Pinheiro. “Adianta votar nulo?”. *Superinteressante*, setembro de 2006. Adaptado.)

### TEXTO 2

Qual é, em comparação com outras estratégias de protesto, a eficácia do voto nulo? Em que medida e sob que circunstâncias ele produz realmente o efeito desejado?

Afastemos, desde logo, a suposição de que um alto percentual de votos nulos acarreta a nulidade da própria eleição. Trata-se de uma crença totalmente desprovida de fundamento; a Constituição vigente nada estipula nesse sentido. A questão a considerar é, pois, o objetivo dos proponentes do voto nulo. Protestar contra o quê, exatamente?

O atual estado de coisas é lastimável, mas a contribuição do voto nulo à correção dele é rigorosamente zero. Neste caso, nada há na anulação que se possa chamar de público – ou seja, de político, no melhor sentido da palavra. Nas condições do momento, ele apenas exprime um mal-estar subjetivo, difuso, de caráter individual. Qualquer que seja seu peso nos números finais da eleição, ele será apenas uma soma desses mal-estares e da apatia que deles decorre.

(Bolívar Lamounier. “Voto nulo: como, quando, para quê?”. *Folha de S.Paulo*, 12.07.2014. Adaptado.)

### TEXTO 3

Não concordo com o sistema de representação política do Brasil. Minha alternativa de protesto é o voto nulo.

Na hora de divulgar os resultados, reais ou de pesquisas, a imprensa costuma somar os votos nulos e brancos. O significado dos dois é diferente. O voto nulo é, em princípio, um protesto, inclusive contra o próprio processo eleitoral. Já o voto branco diz que o eleitor concorda com a decisão da maioria.

Votar nulo não se trata de atacar o governo ou a oposição, mas o sistema político inteiro, dizendo não à promiscuidade partidária que confunde o eleitor com essa miscelânea de acordos nacionais e regionais que querem reduzir a cidadania a uma negociata por horários na TV.

(Hugo Possolo. “Protestar pelo voto nulo”. *Folha de S.Paulo*, 14.07.2014. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

## O VOTO NULO É UM ATO POLÍTICO EFICAZ?

Os rascunhos não serão considerados na correção.

RASCUNHO

**NÃO ASSINE ESTA FOLHA**

